

PORTUGUESES COM SOTAQUE ITALIANO: A *CIDADE DAS FLORES*, DE AUGUSTO ABELAIRA

Fábio Varela Nascimento¹

RESUMO: Em 1959, o escritor português Augusto Abelaira (1926-2003) publicou seu primeiro romance, intitulado *A cidade das flores*. A narrativa se desenvolve em solo italiano, na Florença do final da década de 1930, e ao redor de um grupo de jovens que compartilha sentimentos amorosos e a aversão ao regime fascista chefiado por Benito Mussolini. No seu texto de estreia, Abelaira lança mão da reterritorialização para criticar o salazarismo e fugir da censura do regime. Segundo as palavras de Abelaira, em edição posterior à Revolução dos Cravos, a ação do romance se situava em Florença e com personagens italianos, mas visava a outro alvo, pois, quando ele escrevia “*Florença pensava em Lisboa, quando escrevia Mussolini (que já estava morto e enterrado) pensava em Salazar.*” (ABELAIRA, 1984, p. 307). Além da reterritorialização e da crítica ao salazarismo, este trabalho desenvolve reflexões sobre o conformismo de um povo, o pessimismo e a falta de ação de uma juventude que pensa muito, mas pouco faz em relação a um cenário de conflito político. Ressaltados esses aspectos, também é possível observar que *A cidade das flores* é um documento importante no tocante ao papel da literatura frente aos regimes autoritários.

Palavras-chave: *A cidade das flores*; Regimes autoritários; Reterritorialização

PORTUGUESE WITH ITALIAN ACCENT: A *CIDADE DAS FLORES*, BY AUGUSTO ABELAIRA

ABSTRACT: In 1959, the Portuguese writer Augusto Abelaira (1926-2003) published his first novel, entitled *A cidade das flores*. The narrative unfolds on Italian soil, in the late 1930s Florence and around a group of young people sharing feelings of love and aversion to the fascist regime led by Benito Mussolini. In his debut text, Abelaira makes use of repossession to criticize Salazar and escape the censorship regime. In the words of Abelaira at a later edition to the Carnation Revolution, the novel's action was situated in Florence with Italian characters, but he aimed at another target, for when he wrote "Florence thought in Lisbon, when he wrote Mussolini (who has was dead and buried) thought of Salazar." (Abelaira, 1984, p. 307). In addition to the repossession and criticism of Salazar, this work develops reflections about a people's conformity, pessimism and lack of action of a youth who thinks a lot, but does little with regard to a political conflict scenario. Highlighted these aspects, it is also possible to observe that *A cidade das flores* is an important document on the role of literature forward to authoritarian regimes.

Keywords: *A cidade das flores*; Authoritarian regimes; Repossession

¹ Doutorando em Teoria da Literatura. PUCRS, RS, Brasil. fv.nasci@gmail.com

Em 1959, o escritor português Augusto Abelaira (1926-2003) publicou seu primeiro romance, intitulado *A cidade das flores*. A narrativa se desenvolve em solo italiano, na Florença do final da década de 1930, e ao redor de um grupo de jovens (Fazio, Rosabianca, Soldati, Renatta, Vianello e Vilani) que compartilha sentimentos amorosos e a aversão ao regime fascista chefiado por Benito Mussolini, que comandava a Itália desde 1922.

Essa visão geral da obra pode indicar ao leitor um enredo simples e muitas vezes trabalhado, no qual uma juventude apaixonada e oprimida tenta lutar contra um opressor. No entanto, o texto de estreia de Abelaira ultrapassa os limites da simplicidade, pois trata da reterritorialização, do conformismo de um povo, do pessimismo e da falta de ação de uma juventude que pensa muito mas pouco faz em relação a um cenário de conflito político.

A questão da reterritorialização é essencial para discutir *A cidade das flores*, já que é a partir dela que outros aspectos podem ser observados ao longo da obra. No texto “Dezesseis anos depois, mas também vinte e cinco anos depois”, de 1975, que segue o “Posfácio à segunda edição”, datado de outubro de 1961, Abelaira escreve:

A ação deste romance situa-se em Florença durante o período fascista. Os nomes dos personagens são italianos, tudo é italiano [...]. Mas é evidente que, para além de Florença (que mal conheço, que mal conhecia quando escrevi o livro), que para além da Itália fascista (que nunca conheci), *A Cidade das Flores* visa outro alvo: na realidade, quando eu escrevia *Florença* pensava em *Lisboa*, quando escrevia *Mussolini* (que já estava morto e enterrado) pensava em *Salazar*. (ABELAIRA, 1984, p. 307)²

Além de expor a ideia de que o grande alvo de seu livro era o regime comandado por António de Oliveira Salazar, que permaneceu frente à política de Portugal por quase quarenta anos, a afirmação de Abelaira deixa clara a artimanha utilizada, por parte dele, para falar contra um governo censor e opressor e, ao mesmo tempo, não falar. É preciso levar em conta a data em que Augusto Abelaira faz essa declaração. Em 1975, a Revolução dos Cravos já tinha decretado a queda dos herdeiros da política salazarista e Abelaira estava em um novo Portugal que, embora tivesse um futuro incerto, gozava de liberdade.

Para pensar a reterritorialização proposta por Abelaira, é necessário recorrer ao artigo “Augusto Abelaira”: de palavras e de gestos, no qual Jane Tutikian (2008, p. 85) diz que Abelaira “reterritorializa o regime totalitário português para Florença, evocando a atuação do regime de Mussolini e do clima da Itália ainda na Segunda Grande Guerra, para descortinar a perda da ilusão juvenil da possibilidade de construção de um mundo novo e mais justo”.

² Todas as referências de *A cidade das flores* foram retiradas da seguinte edição: ABELAIRA, Augusto. *A cidade das flores*. Lisboa: O Jornal, 1984. A partir de agora, somente o número da página será indicado.

Itália e Portugal tiveram regimes totalitários de direita no século XX e isso aproxima os dois países em certas questões. Nessa forma de governo, existe a manutenção do poder pelo uso da força. Enquanto, na Itália, Mussolini lançava mão da Milícia Voluntária para a Segurança Nacional e dos *Camicie Nere* para aterrorizar e sufocar as tentativas de oposição, em Portugal, Salazar fazia o mesmo com os recursos, em um primeiro momento, da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) e, posteriormente, da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). A existência de um único partido também é uma das características do totalitarismo. Na Itália, por exemplo, apenas o Partido Nacional Fascista era admitido, em Portugal, a União Nacional era a solitária opção. A cultura do medo ou dos bichos-papões, como diz Jorge Babo (1991), era outra tônica dos regimes totalitaristas e, tanto na Itália quanto em Portugal, ela estava associada à crise financeira e à tomada de poder pelos comunistas – que acabariam com a família, a propriedade e assim por diante.

Talvez o traço mais saliente do totalitarismo fosse o culto ao chefe, que era sempre um homem com origem nebulosa, surgido do nada, feito por si mesmo, por suas próprias forças, que era uma esfinge, totalmente desconhecido por aqueles que o rodeavam e, principalmente, por aqueles que estavam distantes, que colocava os interesses da pátria acima dos seus próprios interesses e que sabia, infalivelmente, o que era melhor para a nação. Por ser um dos primeiros totalitaristas a alcançar o poder, Mussolini foi o exemplo de chefe cultuado. Seu rosto estampava cartazes, seu busto enfeitava repartições públicas, escolas e praças. Paradas com militares enfeitados e organizados desfilavam para receber o aceno de *Il Duce*.

Embora com uma personalidade diferente da de Mussolini, António de Oliveira Salazar também foi cultuado, mas à maneira portuguesa, um tanto mais modesta e contida.³ Ligado à igreja e avesso à pressa, Salazar foi chamado de Paizinho, alcunha que reforçava seu papel de salvador e protetor da nação. A Legião Portuguesa e a Mocidade Portuguesa também desfilavam para o Paizinho e esperavam seu afago, se o retrato com seu rosto não estava pendurado em todas as paredes públicas e privadas, havia moedas com seu perfil e pontes com seu nome.

Voltando à ideia traçada no texto de Jane Tutikian, é possível perceber que a reterritorialização feita por Augusto Abelaira da Lisboa salazarista para a Florença fascista se tornou verossímil porque as duas cidades viviam sob o jugo de um sistema opressor que apresentava características semelhantes em solo italiano e português. Porém, há outro ponto

³ No artigo “Representações da autoridade antes e depois do 25 de Abril: pequena antologia de retratos de Salazar”, de 2001, Clara Rocha cita (p. 23) a “consagração mítica” de Salazar feita pelos departamentos de propaganda de Portugal.

interessante a observar quanto à reterritorialização. Ela não foi só um jogo, foi uma necessidade. Em 1959, os cupins ainda não tinham derrubado a cadeira de Salazar e nem os capitães do 25 de Abril haviam chegado. O salazarismo resistia, assim como a censura. Reterritorializando a narrativa, dando sotaque italiano aos personagens, Abelaira driblou a censura, pois, aparentemente, seu foco era uma Itália e um Mussolini que já não existiam.

Com essa finta na censura, Abelaira não critica, somente, o regime que sufoca. Ele também critica o povo que, pela falta de ação, se deixa sufocar. Em *A cidade das flores*, Giovanni Fazio, Rosabianca, Arnolfo Soldati, Renatta, Domenico Vilani e Leonardo Vianello formam um grupo que percebe o mau caminho que o país está tomando. Eles sabem que é preciso fazer algo para acabar com as prisões, as retaliações e os abusos promovidos pelo regime, contudo, há uma lacuna considerável entre o conhecimento que eles possuem da situação e a atitude para mudá-la. Com a exceção de Vianello, que, depois de fugir da cadeia e entrar na clandestinidade, busca lutar contra o fascismo, os outros personagens se limitam às discussões sobre o que está errado.

A falta de ação é uma das grandes tônicas do romance e isso pode ser notado na sua estrutura. A obra é dividida em duas partes, sendo elas formadas por quadros – a primeira tem trinta e um quadros, a segunda vinte. Os quadros fazem as vezes de capítulos, focalizam personagens diferentes e variam de tamanho. A escolha pela palavra quadro é bastante sintomática, uma vez que o quadro não se remete algo em movimento, mas a algo estático, sem ação.⁴

Porém, não são só os quadros que salientam a falta de ação dos personagens. Há diálogos entre eles que ilustram bem essa ideia:

- Desinteressados – insistiu [Fazio], desistindo finalmente da leitura. Desinteressados... – Pausa. – Que idade tens, Domenico? Vinte e seis, não é? Vinte e oito, eu. A metade da vida. E nada fizemos. Também já não temos tempo para nada...
- Nisso, como em tudo o mais, *ele* venceu. Nada fizemos, nada faremos. (p. 11-12)

Essa conversa entre Giovanni Fazio e Domenico Villani, cheia de fatalismo e conformismo, acontece na mesa de um café da Piazza della Signoria, onde Girolamo Savonarola foi queimado pelo crime de heresia. É irônico que um diálogo sobre a falta de ação aconteça justamente nesse local. A principal causa da condenação de Savonarola não foi a de contrariar os preceitos da fé católica, mas a de entrar em conflito com o poder do papa

⁴ No ensaio “*A cidade das flores: distopia ou utopia?*”, de 2008, Regina Zilberman também trabalha com a ideia do quadro que indica a imobilidade e a falta de ação dos personagens.

Alexandre VI, antes Cardeal Rodrigo Bórgia, sobre quem pesava a acusação de ter comprado os votos de cardeais indecisos no conclave. Desse modo, existe uma oposição entre aqueles que agem mas morrem por agir (Savonarola) e aqueles que não agem mas estão vivos (Fazio e Villani). Outra questão importante que esse quadro suscita é a vitória do outro mais forte, que tem a máquina na mão, as instituições ao seu dispor.

Na citação apontada anteriormente, Jane Tutikian também fala da juventude que perde a ilusão de construir um mundo diferente. Esse tipo de juventude fica evidente no diálogo entre Giovanni e Domenico. Os dois rapazes não acreditam em uma troca de regime, pois cresceram dentro dele e não veem possibilidades de que ele caia. Tirando essa perspectiva da Itália fascista e transpondo-a para a Portugal salazarista do final da década de 1950, a incredulidade na queda do governo ganha mais força.

Egresso de uma cátedra de Coimbra, desde 1928 Salazar ocupava papel de destaque na política portuguesa. Em um primeiro momento, ele chegou como Ministro das Finanças e salvador da pátria, pois a situação econômica de Portugal era delicada. Pouco tempo depois, com a estabilização das contas do país, Salazar adquiriu mais poder e se tornou o Presidente do Conselho de Ministros. Além de ser o dono das chaves do cofre, ele era o homem de confiança do General Óscar Carmona, o “presidente” de Portugal no período 1926-1951.

Nas décadas de 1930 e 1940, a figura de Salazar foi exaltada e cultuada como convinha aos sistemas totalitaristas e seus chefes, mas, em 1945, a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial levou a maioria desses chefes à queda. Na Alemanha, Adolf Hitler se suicidou no seu *bunker* de Berlim e o nazismo abandonou o poder; na Itália, o corpo de Benito Mussolini foi pendurado na Piazzale Loreto, em Milão, e os fascistas passaram de perseguidores a perseguidos; no Brasil, após ser derrubado pelos militares, Getúlio Vargas se exilou na sua fazenda de Itu e viu florescer no país uma democracia que teria vida curta.

Em Portugal, nada aconteceu. O mundo mudou ao redor do pequeno retângulo localizado na margem esquerda da Europa, mas António de Oliveira Salazar manteve sua posição no Palácio de São Bento. Ele permaneceria mais vinte e três anos no poder, que só abandonaria por motivos de saúde. No diálogo da Piazza della Signoria, o *ele* a quem Villani se refere pode ser entendido como Salazar. Se o Presidente do Conselho resistiu à guerra e ao novo mundo que surgiu depois dela, *ele* venceria tudo.

Os personagens de *A cidade das flores* estão – ou pensam estar – de mãos atadas para lutar contra a situação que se impõe. Assim, resta esperar que uma solução venha de fora, talvez da divina providência. Os jovens de Florença acham que uma guerra resolveria os

problemas da Itália. Leonardo Vianello, que é um dos poucos a lutar realmente contra o fascismo, critica Giovanni Fazio pela espera da solução externa: “– Fazio deseja a guerra porque receia a revolução. A guerra libertá-lo-ia, libertar-nos-ia de um encargo. Estamos todos à espera de que uma guerra entre estranhos resolva os nossos problemas. É incrível!”.

A posição de Giovanni faz lembrar de algumas das afirmações de Eduardo Lourenço em *O labirinto da saudade*. No texto “Somos um povo de pobres com mentalidade de ricos”, tratando do tradicional grito de pouca sorte dos portugueses, Lourenço (2001) cita a mentalidade milagreira que paira sobre o país e a ideia de que tudo está ligado à providência. Com a acomodação de Fazio e sua espera pela ajuda vinda de fora, se pode ver a tal mentalidade milagreira, pois, com a guerra, que teria acontecido graças à providência e não ao instinto imperialista das grandes potências, os problemas italianos estariam resolvidos, já que os aliados venceriam e os fascistas seriam corridos do poder. De fato, a guerra derrubou os fascistas, mas o preço foi alto, pago com vidas fascistas e não fascistas. E os problemas portugueses, quais milagres resolveriam? O Portugal salazarista era apenas uma imprevidência histórica como Alcácer-Quibir e precisava de uma providência externa para mudar?

Essas questões têm relação direta com o engajamento, que era exatamente o que faltava para os jovens retratados por Augusto Abelaira. Rosabianca, Renatta, Fazio e Soldati participavam de reuniões, visitavam presos políticos e assinavam manifestos, mas isso não era suficiente para abalar o sistema do *Duce*. Porém, mais grave do que a falta de ação dos personagens é a clara consciência de que eles teriam que agir. Em conversa com Renatta sobre a prisão de Vianello e outro rapaz, Rosabianca expressa essa consciência: “– Neste momento eles sofrem. [...] Não te sucede? Às vezes, hoje mais do que nunca, vem-me uma súbita vergonha de estar aqui descansada, aqui a costurar, quando há pessoas que sofrem e sofrem por nós.” (p. 67). Com a declaração de Rosabianca, também se pode perceber que havia dois modos de viver dentro do regime: combatê-lo e sofrer as consequências que a luta traria ou colocá-lo de lado e fingir que a vida poderia correr com naturalidade.

Juntava-se à consciência de que era preciso agir o pensamento pessimista de que as coisas, fatalmente, dariam errado e não surtiriam efeito. Mais uma vez, o diálogo entre Renatta e Rosabianca pode ser utilizado como exemplo:

- Poderias ser feliz e amar alguém se ouvisse no quarto ao lado, gritos de dor e de miséria? [Rosabianca]
- Talvez valesse a pena lá ir, talvez pudesse aliviar as coisas... [Renatta]
- Suponho que nada poderia ser mudado...

– O nosso mundo está sempre a tempo de ser mudado se agirmos em vez de nos lamentarmos...

– Não, não percebes o que eu quero dizer... – recomeçou como se não tivesse sido interrompida: – E é o que nós fazemos: ser felizes, só com algodão nos ouvidos. Passamos a vida a pôr algodão nos ouvidos, em vez de ir ajudar os nossos irmãos.

[...]

– Eis-te a chorar os teus pecados, Rosabianca. E enquanto choras que fazes?

[...] Alivias tua consciência porque é mais cómodo. (p. 68-69)

A conversa das duas moças expõe dois pontos de vista opostos sobre a situação das pessoas e da política. Com suas falas, Rosabianca assinala que as circunstâncias estão ruins, continuarão ruins e não resta nada a fazer, a não ser conviver com isso. Já Renata se mostra um tanto mais positiva ao afirmar que algo pode ser modificado e que chorar para aliviar a consciência de nada adiantará. Há uma questão interessante em relação às duas personagens, suas opiniões e suas ações: se o discurso as separa, as atitudes voltam a uni-las. Mesmo tendo uma postura mais ativa do que Rosabianca, Renatta não abandona o plano das ideias e acaba não agindo tanto quanto a amiga fatalista.

Do jovem grupo florentino, Leonardo Vianello é o mais engajado. Depois de escapar da prisão e pedir a ajuda de seu amigo Fazio – que o auxilia até o ponto em que pode se comprometer –, Vianello entra para a clandestinidade e começa a dividir alojamentos e planos de reação com Benedetto, um dos poucos personagens do livro com mais de sessenta anos. Benedetto e Vianello engendram um atentado contra um comboio que levaria petróleo e soldados alemães para a Itália. Eles sabem que haverá mortes, mas veem isso como um caminho necessário, conforme atestam as palavras de Benedetto: “– Eles morrerão, mas é preciso não ter medo da morte... A morte não é o fim. Bem sei, é horrível o que vamos fazer. Mas é preciso.” (p. 265).

A ação de Vianello e Benedetto, porém, tem um resultado inesperado e, devido a uma troca nos comboios, apenas civis são mortos no atentado. É importante pensar a relevância de tal episódio para a narrativa. O único personagem que toma alguma atitude contra o regime acaba cometendo um erro que fere profundamente sua consciência e o leva à morte, já que ele é assassinado por forças fascistas em uma emboscada. O que Abelaira queria dizer com o destino de Vianello? Talvez, que agir é correr riscos, rumar para o desconhecido que pode trazer respostas positivas ou negativas.

Se essa resposta for levada em consideração, a falta de ação dos outros personagens ganha ainda mais significado. Em um momento decisivo das suas histórias pessoais, da história de seu país, eles preferiram não correr riscos. Domenico Villani, por exemplo, é

punido por não agir. É ele quem leva a culpa pelo atentado ao comboio e aceita a prisão por pensar que os outros o veriam com olhares diferentes se pensassem que agiu.

Contudo, é Giovanni Fazio que pode ser o personagem símbolo da falta de ação e tal simbologia não está relacionada somente a sua atitude derrotista ou a pouca ajuda que oferece ao fugitivo Vianello. Fazio tem aspirações de ser escritor e, ao longo da trama, depois de lamentar inúmeras vezes de que não havia nada mais a ser dito, ele desenvolve a ideia de um livro intitulado *A cidade das flores*, que trataria de um lugar utópico onde as pessoas se amariam e a palavra guerra nem mesmo seria conhecida. Com uma obra utópica, Fazio também não correria riscos na literatura, pois seu texto não seria engajado.⁵ A cidade utópica de Fazio se esboroa quando os nazistas invadem a França e ele acha que homens como Hitler, Mussolini (e também se pode dizer Salazar) dominarão o mundo por mil anos.

No “Posfácio à segunda edição”, Augusto Abelaira afirmou que, dentro de cinquenta anos, *A cidade das flores* não seria mais lida. Nesse período, os homens teriam dado passos rumo ao “caminho da justiça social” (p. 302). Felizmente, políticos como Mussolini e Salazar não duraram mil anos, mas a justiça social indicada por Abelaira ainda está distante – tão distante como o fim da leitura de *A cidade das flores*. Ainda que esteja relacionada a datas e espaços, a obra de Abelaira não é datada e tem cunho universal, pois deixa a ideia de que as mudanças não caem do céu e de que é preciso agir para transformar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELAIRA, Augusto. *A cidade das flores*. Lisboa: O Jornal, 1984.

BABO, Jorge. O mito salazarista. *A tragédia portuguesa – dos mitos às realidades* (do 24 de Agosto de 1820 ao 25 de Novembro de 1975). Lisboa: Ulisseia, 1991, p. 199-247.

LOURENÇO, Eduardo. Somos um povo de pobres com mentalidade de ricos. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Gradiva, 2001, p. 127-135.

ROCHA, Clara. Representações da autoridade antes e depois do 25 de Abril: pequena antologia de retratos de Salazar. In: CASTRO, Ivo; CORREIA, João David Pinto; SIMÕES, Manuel (Org.). *Memória dos afectos: homenagem da cultura portuguesa a Giuseppe Tavani*. Lisboa: Colibri, 2001, p. 23-37.

TUTIKIAN, Jane. Augusto Abelaira: de palavras e de gestos. In: PEREIRA, Paulo Alexandre (Org.). *Augusto Abelaira*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008, p. 83-92.

⁵ Considerado um escritor neo-realista, o texto engajado é um assunto caro a Augusto Abelaira, pois os autores ligados a esse movimento viam na literatura muito mais do que um passatempo ou um divertimento. A literatura deveria constituir-se como um meio de conscientização das massas, a fim de levá-las ao combate do capitalismo e de suas injustiças, como a divisão das classes, as relações de produção e seu sistema explorativo.

ZILBERMAN, Regina. *A cidade das flores: distopia ou utopia?* In: PEREIRA, Paulo Alexandre (Org.). *Augusto Abelaira*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008, p. 45-55.

Recebido em 15/12/2015.

Aceito em 26/12/2015.